

INCLUSÃO, ACESSIBILIDADE E ENSINO SUPERIOR: A RELAÇÃO ENTRE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA E APOIADORES NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Lilya Raquel Marinho e Silva¹
Geuma Myrian Santos Alves²
Andreza Vidal Bezerra³
Adenize Queiroz de Farias⁴

RESUMO: É notório que nas últimas décadas a presença de pessoas com deficiência no Ensino Superior vem aumentando consideravelmente, enfatizando então, a necessidade de políticas que assegurem o acesso, permanência, participação e aprendizagem destes indivíduos em igualdade de oportunidade com os demais no âmbito acadêmico. Sendo assim, esse estudo tem por objetivo explicitar aspectos da relação entre estudantes com deficiência e apoiadores da Universidade Federal da Paraíba. A presente investigação deu-se por meio de uma pesquisa participativa, que contou com os relatos dos próprios estudantes, colhidos a partir de diálogos que ocorreram em encontros remotos promovidos pelo projeto de iniciação científica “INCLUSÃO EM FOCO: um estudo investigativo sobre os processos de inclusão e acessibilidade na Universidade Federal da Paraíba”. Foi possível verificar que ainda há inúmeros entraves os quais são oriundos de um processo histórico marcado por uma aversão dos ditos normais com aqueles que possuem alguma deficiência. Destacamos que na atualidade ainda é possível identificar atitudes que explicitamente continuam desencadeando experiências de exclusão e preconceito, que por vezes desconsideram o sujeito e seus aspectos identitários em razão da deficiência. A nosso ver atitudes como essas acabam afetando negativamente a relação entre estudantes com deficiência, seus apoiadores, docentes, colegas de turma e a comunidade acadêmica como um todo.

Palavras-chave: Estudantes com deficiência, Ensino superior, Educação inclusiva, Capacitismo.

INTRODUÇÃO

O progressivo aumento nas matrículas de estudantes com deficiência no ensino superior e a necessidade de assegurar políticas de participação e permanência destes estudantes na universidade, como determina o marco regulatório para a educação inclusiva no Brasil (BRASIL, 2015), que resultou na criação do Comitê de Inclusão e Acessibilidade (CIA) através da Resolução do CONSUNI nº 34/2013.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), lilyaraquel2000@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da UFPB, geuma.alves@academico.ufpb.br;

³ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), andrezavidal@hotmail.com;

⁴ Profa. Dra. do Departamento de Habilitações Pedagógicas da UFPB, adenize.queiroz@gmail.com.

O referido comitê se caracteriza como órgão de assessoria especial vinculado diretamente à reitoria da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com a finalidade de viabilizar a política de inclusão nesta instituição. Apesar de uma série de esforços por parte

o CIA no sentido de implementar políticas de inclusão e acessibilidade na UFPB, observa-se que ainda são muitos os desafios vivenciados pelos estudantes com deficiência, o que se trata de uma questão de interesse central deste estudo.

Dados fornecidos pela coordenação do CIA indicam que no final do ano de 2019, apenas 82 alunos com deficiência contavam com o suporte dos alunos apoiadores e, embora cientes de que nos períodos suplementares oferecidos no decorrer da pandemia estabelecida pela COVID-19, esse quantitativo tenha sido alterado, sabemos que a realidade desses estudantes ainda necessita de muitas mudanças a fim de que sua inclusão seja, de fato assegurada.

A nosso ver, a inclusão e acessibilidade destes estudantes somente se concretizarão quando os mesmos obtiveram um maior conhecimento acerca de seus direitos, somados à adoção de práticas e recursos pedagógicos que favoreçam seu processo de aprendizagem.

Ao realizar um Estado da Arte, acerca do objeto da presente investigação, observamos que, no âmbito da UFPB, já há uma série de estudos que abordam as contribuições, bem como os desafios com vista à acessibilidade dos estudantes com deficiência.

A esse respeito, merecem destaque, os estudos de (PEREIRA; LIMA; OLIVEIRA, 2016; DA SILVA; JAZINE, 2017; PINTO, 2016; BEZERRA, 2018; SILVA, 2021 e CAMPOS; PAIVA; FARIAS, 2021), os quais apresentam desde de dados quantitativos de estudantes com deficiência matriculados na Universidade, até as vozes destes estudantes no tocante aos desafios enfrentados durante sua graduação.

Para além destes elementos, nossa pesquisa, realizada através de uma metodologia participante, objetiva explicitar aspectos da relação entre estudantes com deficiência e apoiadores da Universidade Federal da Paraíba.

Diante do exposto esperamos ampliar o debate com vistas a uma maior visibilidade acerca das necessidades, mas, sobretudo, das potencialidades dos estudantes com deficiência junto aos professores e aos demais segmentos que compõem a comunidade acadêmica.

METODOLOGIA

Embora seja a Universidade considerada como locus privilegiado à produção científica e à construção do conhecimento, quando se trata de pessoas com deficiência, torna-se recorrente, também neste ambiente, uma crença equivocada acerca da incapacidade destes estudantes, bem como de suas limitações para o cumprimento das exigências acadêmicas. Ancorada nesta concepção capacitista, cuja raiz está no modelo médico da deficiência (MELLO, 2016), a universidade desvia sua atenção diante das inúmeras barreiras de ordem arquitetônica, atitudinais e comunicacionais que impedem a plena participação de tais estudantes na comunidade universitária.

Este cenário adverso, suscita a implementação de ações que estimulem o empoderamento de tais estudantes, a fim de que tomem consciência de seus direitos, assumindo um compromisso com a transformação de estruturas desiguais e pouco sensíveis diante da diversidade humana (DINIZ, 2014).

É nessa perspectiva que nos lançamos a investigar os principais desafios experienciados na relação entre estudantes com deficiência e seus respectivos apoiadores, o que se fará através das contribuições oferecidas pela pesquisa participante.

Defende-se a ideia de que a pesquisa participante comporta uma dimensão ontológica crítica no processo de produção de conhecimento, na medida em que busca denunciar e anunciar as contradições existentes na sociedade capitalista, as suas formas históricas de desigualdade social, tornando conhecida a versão dos sujeitos comuns e abrindo espaço para que estes participem dessa produção, valendo-se do direito que têm sobre ela para fortalecer as suas demandas, reivindicações e cultura (FAERMAM, 2014, p.45).

Entende-se, com isso, que a opção metodológica adotada para a presente pesquisa, está intimamente comprometida com o coletivo de estudantes com deficiência matriculados nos diversos cursos de graduação da UFPB e a conseqüente transformação das estruturas desiguais que os oprimem.

Considerando a necessidade de fortalecer a participação de tais discentes, cujo número de matrículas cresce a cada ano na universidade brasileira, o presente projeto possibilitou uma intervenção das pesquisadoras, junto à comunidade investigada.

Trata-se, portanto, de uma metodologia que procura “incentivar o desenvolvimento autônomo (autoconfiante) a partir das bases e uma relativa independência do exterior” (FELCHER; FERREIRA; FOLMER, 2017, p.43).

Salientamos ainda que os dados aqui expostos foram coletados de observações realizadas através do projeto de iniciação à pesquisa científica “INCLUSÃO EM FOCO: um estudo investigativo sobre os processos de inclusão e acessibilidade na Universidade Federal da Paraíba”.

Para a coleta de dados do referido projeto de pesquisa, fez-se necessário realizar 22 encontros, que iniciou-se dia 14/05/21 finalizando no dia 26/11/21 ocorrendo de forma remota, pela plataforma google meet devido às condições sanitárias impostas pela pandemia da COVID-19.

O público-alvo atingido foi em média de 60 estudantes por encontro, sendo eles, pessoas com deficiência e/ou necessidades específicas de aprendizagem, seus respectivos apoiadores e pessoas com interesse nos estudos da deficiência, seja no âmbito da UFPB como em outras instituições dos mais diversos Estados brasileiros.

Nos encontros foi possível discutir a respeito do enfrentamento e possíveis formas de eliminação de barreiras, além indicar práticas inclusivas e anti capacitistas, como também elementos que pudessem subsidiar a prática dos alunos apoiadores gerando conhecimentos sobre leis, acessibilidade, métodos de adaptação de materiais para que os alunos assistidos consigam aprender de modo igualitário como os demais estudantes.

Em cada um destes encontros a equipe de pesquisadores buscou aplicar estratégias e/ou instrumentos metodológicos que lhes possibilitaram coletar dados a partir das vozes dos estudantes em relação às temáticas propostas por esta investigação. Tais dados foram transcritos, catalogados e organizados, a fim de corroborar no processo de análise e discussões a partir de um referencial teórico pautado nos Estudos Sobre a Deficiência.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

É sabido que há em nossa sociedade uma série de estigmas e preconceitos que põe à margem alguns grupos em razão da sua sexualidade, gênero, cor, estrutura corpórea, entre outras formas de ser. A partir dos estudos que discutem o Corponormatividade, é possível entender que existe um enjeitamento em relação aos corpos com deficiência, por acreditarem que esse corpo está adverso a um padrão culturalmente construído.



O nojo e a repulsa ao corpo deficiente tem correlação com a corponormatividade de nossa estrutura social, ou seja, em uma perspectiva antropológica, quanto mais “desviante” e “deformado” um corpo, mais repulsa os “normais” sentem desse corpo, da sexualidade dissidente desse corpo, no sentido de que esse corpo é “sujo”, “imundo”, “contagioso” (MELLO, 2014, p.129).

Apoiado nesta concepção que emerge o capacitismo, palavra adotada com o intuito de para além de nomear uma discriminação já existente, discutir e agir contra atitudes que dismerecem ou enaltecem as pessoas com deficiência pelo simples fato de serem considerados corpos fora da norma.

o capacitismo está presente em situações sutis e subliminares, acionado pela repetição de um senso comum que imediatamente liga a imagem da pessoa com deficiência a alguma das variações dos estigmas construídos socialmente, aos quais se está habituado e, por isso, tendem a não serem percebidos e questionados (VENDRAMIN, 2019, p.07)

Como reflexo da sociedade, no ambiente universitário podemos observar inúmeras atitudes capacitistas que tentam pôr à prova a capacidade dos estudantes com deficiência, o que pode tornar frágil o processo de permanência, participação e aprendizagem destes estudantes. Um estudo realizado no âmbito da UFPB corrobora com essa afirmativa na medida em que conclui: "As práticas pedagógicas, também explicitam o quanto o capacitismo está enraizado inclusive na concepção dos docentes universitários" (BEZERRA, 2021).

No âmbito das IES já há uma série de medidas que visam minimizar as barreiras experienciadas por estudantes com deficiência. No caso específico do lócus deste estudo, a UFPB, uma das iniciativas é o Programa de Apoio ao Estudante com Deficiência, através do qual estudantes sem deficiência passam por um processo seletivo para acompanhar os estudantes com deficiência atendidos pelo programa dentro do campus universitário, seja no auxílio das atividades acadêmicas ou na locomoção.

“minha apoiada era esquecida nas aulas, excluída e os professores na maioria das vezes se dirigiam a mim ao invés de falar diretamente com ela” (Apoiadora 1, 2021).

Subjaz a essa atitude, comumente reproduzida por alguns docentes, está a ideia de que as pessoas com deficiência são incapazes de responder às demandas de sua própria vida, seja em situações mais simples do cotidiano ou mais complexas.

No entanto, quando trata-se de uma relação direta entre os estudantes apoiadores e os estudantes com deficiência, percebe-se que, por vezes, há apenas um interesse na bolsa recebida em função do trabalho exercido.

“minha apoiadora não cumpria com as obrigações e relatou que estava comigo apenas pela bolsa” (pcd 1, 2021)

A partir dessa fala é possível perceber que esse tipo de motivação resulta num frágil processo de inclusão e acessibilidade em decorrência da ausência de conhecimento e de convívio com as pessoas com deficiência, o que a nosso ver gera um desinteresse por parte das pessoas sem deficiência em atuarem no processo de inclusão desses indivíduos no meio acadêmico e social, desconsiderando a pessoa em razão da deficiência, o que se reflete em atitudes segregacionistas, seja dentro ou fora das universidades.

“Minha atual apoiadora que é engajada na causa e com quem eu tenho uma boa relação me ajudou muito no desempenho acadêmico” (Pcd 4, 2021).

A partir da fala supracitada, dentre outros relatos dos estudantes com deficiência é notório que quando há um olhar sensível por parte do aluno apoiador em relação às demandas do aluno com deficiência, ocorre uma minimização dos entraves, sejam eles de ordem atitudinal, pedagógico, social, entre outros, os quais são comumente experienciados no processo de ensino aprendizagem e na interação com seus pares, tornando a jornada acadêmica mais inclusiva, acessível, prazerosa e menos capacitista

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É indubitável que, ao longo do presente estudo ficou explícito o quanto o processo histórico da pessoa com deficiência ainda desencadeia na hodiernidade experiências de exclusão, discriminação e preconceito, os quais atualmente denominamos capacitismo.

Tal fato repercute seja na relação das pessoas com deficiência com seus apoiadores, docentes ou colegas de turma, o que de certo modo afeta negativamente os processos de acesso, permanência, participação e aprendizagem desses educandos no ambiente acadêmico.



No que se refere especificamente aos aspectos da relação entre o estudante com deficiência e seu apoiador, concluímos que é de suma importância que, para além da motivação financeira faz-se necessário que, já no processo seletivo seja detectado um real engajamento e comprometimento dos candidatos ao programa aluno apoiador com as atividades que serão realizadas juntamente com o estudante com deficiência, visando um efetivo processo de inclusão e acessibilidade.

Além dos elementos anteriormente mencionados, enfatizamos a necessidade de uma capacitação continuada que venha a colaborar num bom desempenho, no que se refere ao relacionamento entre apoiador e apoiado, propiciando, assim, um momento de diálogo e reflexão a respeito das experiências vivenciadas no cotidiano do Ensino Superior.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Laenne Sarinho. Os desafios dos alunos com deficiência físico-motora na UFPB: a atuação do aluno apoiador no processo de inclusão. 2018.

BEZERRA, Andreza Vidal. **O capacitismo na experiência feminina: a trajetória de uma estudante cega no ensino superior.** 2021.

BRASIL, Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Brasília, 2015. Disponível em: BRASIL, Plano Nacional de Educação. Brasília, 2014. Disponível em:< pne.doc (mec.gov.br)>.

BRASIL. Resolução n° 34/2013 do Conselho Universitário (CONSUNI). Comitê de Inclusão e Acessibilidade, UFPB, João Pessoa, 2013. UFPB. Resolução n° 09/2016.

CAMPOS, Ilka Maria Soares; PAIVA, Eliane Bezerra; FARIAS, Ronnie Anderson Nascimento de. Acessibilidade digital em sistemas acadêmicos da UFPB: análise a partir das heurísticas de usabilidade. *Informação & Informação*, v. 26, n. 1, p. 632-659.

DA SILVA, Lidiane Ramos; JEZINE, Edineide. A PERMANÊNCIA EM CURSOS NA UFPB E O PROGRAMA DE APOIO AO ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA NA UFPB.

DEMO, Pedro. Habilidades do século XXI. *Boletim Técnico do SENAC*, v. 34, n. 2, p. 4-15, 2008.

DINIZ, Débora. O que é deficiência. *Brasiliense*, 2017. FAERMANN, Lindamar Alves. A pesquisa participante: suas contribuições no âmbito das ciências sociais. *Revista Ciências Humanas*, v. 7, n. 1, 2014.

FAERMANN, Lindamar Alves. A pesquisa participante: suas contribuições no âmbito das ciências sociais. **Revista Ciências Humanas**, v. 7, n. 1, 2014.

FELCHER, Carla Denize Ott; FERREIRA, André Luis Andrejew; FOLMER, Vanderlei. Da pesquisa-ação à pesquisa participante: discussões a partir de uma investigação desenvolvida no Facebook. *Experiências em Ensino de Ciências*, v. 12, n. 7, p. 1-18, 2017.

MELLO, Anahí Guedes de. Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência. 2014. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, SC.

MELLO, Anahi Guedes de. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 21, p. 3265-3276, 2016.

EREIRA, Giulianne Monteiro; LIMA, Izabel de França; OLIVEIRA, M. J. F. O acesso à informação e os alunos com deficiência da UFPB. *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia*, v. 11, n. 1, p. 33-43, 2016.



PINTO, Rayani Viana. Programa de Apoio ao Estudante com Deficiência-PAED na UFPB para educação inclusiva de alunos com deficiência. 2016.

SILVA, Paulino Joaquim da et al. Inclusão da pessoa com deficiência na educação superior: o comitê de inclusão e acessibilidade da UFPB para o acesso e a permanência. 2021.

VENDRAMIN, Carla. Repensando mitos contemporâneos: o Capacitismo. Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos, 2019.